

Página Dois

Elza viu a cobra fumando

Primeira mulher do país a ir para a guerra, major tem museu do Exército em casa

MÁRCIA VIEIRA

O pequeno apartamento no Flamengo parece um museu do Exército. Tem bustos em gesso do marechal Mascarenhas de Moraes, do coronel Xavier de Brito, do general Sizen Sarmento e de outros medalhões das Forças Armadas. Numa foto aparece, sorridente, o ex-presidente e general João Baptista de Figueiredo. Condecorações militares ocupam parte de uma parede. Ao lado, num quadro pintado a óleo, exibe-se a figura majestosa de uma mulher com uniforme militar de gala. Elza Cansanção, a primeira mulher brasileira a se apresentar como voluntária para lutar na Segunda Guerra Mundial, vive sozinha nesse pequeno museu. Tem 79 anos, gosta de ser chamada de major Elza e quase se ofende quando o assunto é filhos. "Filhos? Mas o que é isso? E eu lá tive tempo para pensar em filhos na vida?", ri.

Major Elza só teve tempo para aventuras. E das boas. Deu a volta ao mundo duas vezes, passeou pela Antártida, aprendeu a pilotar ultraleve aos 60 anos e viveu a maior de todas as aventuras na Segunda Guerra. Tinha 19 anos. Seu sonho era lutar na linha de frente. "Eu não podia deixar de revidar a afronta que nós sofremos. Os alemães vieram aqui nas nossas costas torpedear nossos navios, matar nossa gente. Me senti na obrigação de defender o país", discursa, lembrando o contexto que fez o presidente Getúlio Vargas decidir-se por entrar na guerra ao lado dos aliados. Major Elza teve que se conformar em ser enfermeira da Força Expedicionária Brasileira. "O Exército não aceitava mulheres na linha de frente", lamenta.

Unhas pintadas – A participação das enfermeiras durou um ano e quatro dias. Foi tão inesquecível que Elza virou uma espécie de guardiã da memória da FEB. Já escreveu um livro sobre o assunto – *E foi assim que a cobra fumou* – e está lançando o segundo. *Eu estava lá - A epopéia da Força Expedicionária Brasileira através da fotografia* (Editora Agora da Ilha, 190 páginas, R\$ 66) reúne flagrantes dos pracinhas que combateram na Itália. São mais de 400 fotos. Além de imagens dos soldados em ação, há flagrantes curiosos como o de um oficial alemão sendo interrogado pelos americanos e a prisão de uma brasileira que trabalhava como espiã para os alemães.

A guerra foi fundamental na vida de Elza. "Vi de tudo", diz, desfilando em seguida um quadro de horrores com um impressionante sangue-frio para uma simpática senhora prestes a completar



Evandro Teixeira



Reprodução

A major Elza Cansanção hoje (acima) e durante a Segunda Guerra Mundial (à esquerda), na qual serviu como enfermeira do Exército: livros de memórias sobre a Força Expedicionária Brasileira e peças militares na decoração de seu apartamento

80 anos. "Em medicina é assim. A gente tem que esquecer o ser humano. Aquilo é uma peça sobre a qual você está trabalhando. Doente não tem patente, nem nacionalidade. É uma peça", recita. Major Elza trabalhou nos hospitais de evacuação, aqueles montados em lonas distantes do front. Ninguém morreu nos seus braços.

Ela diz que nunca sentiu medo. "Cresci com meu pai dizendo que o medo não existe, você é quem cria. Enfrentei tudo desde pequena." A rotina na Itália era massacrante. Os turnos duravam 12 horas, as instalações eram precárias. Mas sobrava criatividade. Quando chegava um ferido, as enfermeiras, sob o comando da Major Elza, colocavam um espelhinho embaixo do nariz. Se ficasse emba-

çado, era sinal de que o soldado estava vivo. Aí era só seguir as ordens da chefe. "Monta em cima. Em todo buraco enfie uma sonda, em toda a veia enfie uma agulha", ela relembra o seu lema.

As enfermeiras andavam impecavelmente arrumadas. Unhas pintadas, roupas alinhadas, com os cabelos presos em redes. "Os americanos montavam salão de cabeleireiro nos acampamentos. É como dizia meu pai: quem não se enfeita, por si se enjeita." Major Elza adora citar o pai, o médico sanitaria Tadeu de Araújo Medeiros, amigo de Santos Dumont e auxiliar direto de Oswaldo Cruz na campanha contra a febre amarela.

Com os pais, alagoanos, ela aprendeu a atirar ainda adolescen-

te. Com as governantas alemãs que passaram pela casa da família em Copacabana nos anos 30, esmerou-se nos estudos de música e de idiomas. Pelas mãos de Arnon de Mello, pai do ex-presidente Fernando Collor de Mello, entrou para a Associação Brasileira de Imprensa. Com Fernando Torres, estreou no Teatro Universitário na peça *Dama da madrugada*. "Era uma mulher destemida", escreveu Austregésilo de Athayde no prefácio do livro *E foi assim que a cobra fumou*. "O título do livro é uma brincadeira porque diziam na época que era mais fácil a cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra", explica a autora.

Condecorações – Major Elza é polivalente. Outra lição que aprendeu com o pai. "Tudo o que uma pessoa faz, o outro pode fazer também. É só querer. Mexo com mecânica, faço escultura, pinto quadros, faço tapetes." No Exército teve uma carreira premiadíssima. É a mulher mais condecorada do Brasil. São 35 medalhas que ela ostenta no uniforme verde-oliva nas cerimônias do Exército. Major Elza não perde um desfile de 7 de setembro. É convidada para homenagens à Força Expedicionária Brasileira até mesmo fora do país. Passa oito horas por dia no Ministério do Exército trabalhando no setor de preservação da memória histórica da 5ª Seção do Comando Militar do Leste.

Quando a guerra acabou, Elza ficou dez anos afastada do Exército. "Fomos dispensadas logo que desembarcamos", conta. Trabalhou então no Banco do Brasil, mas em 1957 as mulheres foram reconvocadas. Quem quisesse podia virar militar de carreira. Elza foi correndo. Continuou trabalhando como enfermeira, mesmo na sua passagem pelo SNI (Serviço Nacional de Informação), e nunca pensou em abandonar a farda. Apesar da idade, não pensa em parar de trabalhar tão cedo. "Se parar eu morro", acredita. O assunto da morte não é tabu. Já está prontinho, no canto de sua sala, o busto que ela mesma fez para ser colocado em seu túmulo.

A saúde está ótima, só uma incômoda bursite no braço tem impedido a major de voar de ultraleve. Mas não a afasta das longas pedaladas nos fins de semana pela Ilha de Paquetá, onde tem uma casa. Ela não se cansa nunca. Já está escrevendo outros dois livros. *Um, dois, esquerda, direita, mantenha a cadência*, sobre a história da mulher nas Forças Armadas, e *Mulher alicerce de uma pátria forte*, com biografias de mulheres que marcaram o país. "Acho que vou ter que incluir o meu perfil", ela ri.